

## A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

FERREIRA, Leonilda Elias Ferreira<sup>1</sup>

LIPPMAM, Eglecy do Rocio<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo intitulado A Influência da Música no processo ensino aprendizagem na Alfabetização apresenta um estudo teórico sobre a importância desta na Alfabetização. Para isso, teve como objetivo abordar a importância da música no processo ensino-aprendizagem especificamente, a forma que a escola e o professor utilizam esta como elemento condutor para o desenvolvimento de crianças em fase de alfabetização. Além disso, a partir da LDB 9394/96, em seu art. 26 § 2º é obrigatório o ensino da Arte e da Educação Musical, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Desta forma, a razão que justifica alfabetizar através da música nas escolas é oferecer a todas as crianças, qualquer que seja sua aptidão, a oportunidade de lidar com a música e seus elementos, próprios de todo ser humano: audição, expressão rítmica e melódica, emotividade, inteligência ordenadora e criatividade. Assim, o desenvolvimento desta pesquisa surgiu da necessidade de conhecer melhor a linguagem musical como possível codificação e decodificação de signos lingüísticos, estéticos e sonoros para o processo de ensino aprendizagem. Buscando formas de melhorar a socialização entre os alunos nos aspectos afetivo, cognitivo, social, cultural. Constatou-se que quanto mais criativo for o professor e mais elementos prazerosos levar para a sala de aula, mais significativo será o aprendizado do aluno.

**Palavras-Chaves:** Alfabetização, Lúdico, Música e Alunos

### ABSTRACT

The present intitled article the Influence of Music in the process education learning in the Alfabetização presents a theoretical study on the importance of this in the Alfabetização. For this, it had as objective specifically to approach the importance of music in the process teach-learning, the form that the school and the professor use this as conducting element for the development of children in alfabetização phase. Moreover, from LDB 9394/96, in its art. 26 § 2º is obligator the education of the Art and the Musical Education, in the diverse levels of the basic education, of form to promote the development cultural of the pupils. In such a way, the reason that it justifies to alfabetizar through the music in the

<sup>1</sup> Especialista em Gestão Escolar. UNICENTRO. 2011. [nil\\_da2@hotmail.com.br](mailto:nil_da2@hotmail.com.br)

<sup>2</sup> Departamento de Pedagogia. UNICENTRO

schools is to offer to all the children, any that is its aptitude, the chance to deal with music and its elements, proper of all human being: hearing, rhythmic and melódica expression, emotividade, ordenadora intelligence and creativity. Thus, the development of this research appeared of the necessity to know the language better musical as possible codification and decoding of linguistic, aesthetic and sonorous signs for the education process learning. Searching forms to improve the socialization it enters the pupils in the aspects affective, cognitivo, social, cultural. It was evidenced that the more creative he will be the pleasant professor and more elements to lead for the classroom, more significant will be the learning of the pupil.

**Key-Words:** Alfabetização, Playful, Music and Pupils

## INTRODUÇÃO

O presente artigo teve como objetivo abordar a importância da música no processo ensino-aprendizagem especificamente, a forma que a escola e o professor utilizam esta como elemento condutor para o desenvolvimento de crianças em fase de alfabetização. A necessidade de realizar esta pesquisa surgiu da dificuldade e desconhecimento de como trabalhar a música atrelada a Alfabetização, sendo esta uma área de conhecimento mediador da aprendizagem e das interações sociais.

Embora a música esteja presente em atividades de recreação, em festividades e, sobretudo, no cotidiano de alunos e professores, observa-se que a música, como disciplina, está ausente dos currículos. Assim, nossas principais indagações são: qual o papel da música na educação? Como a linguagem musical pode contribuir na alfabetização?

Entende-se que são muitos os caminhos e as maneiras para levar as crianças à participação no universo da escrita. Existem aquelas crianças que, movidas por forte curiosidade e esforço, começam a manejar as letras pelo autodidatismo, como por exemplo, escutando músicas, vendo propagandas e outdoors. Existem aquelas que, dentro de um ambiente familiar facilitador, tornam-se leitoras pelo exemplo e por orientações assistemáticas dos pais. Outras, que convivendo intensamente com programas de televisão, legendas de filmes, logomarcas de produtos, expressos de jogos de computador,

músicas, também aprendem a ler, como num passe de mágica. Como afirma, Silva (2007), não são poucos os nordestinos que, por vontade própria e sem ajuda formal, aprendem a ler e a escrever por mergulhos assíduos em folhetos de cordel. Assim percebe-se que há muitas maneiras da criança aprender a ler e a escrever, porém, nesta pesquisa delimitaremos a música como processo de alfabetização.

Com isso, o artigo intitulado A Influência da Música no processo ensino aprendizagem na Alfabetização apresenta um estudo teórico sobre o gênero textual sonoro e sua importância na Alfabetização.

É prática comum nas escolas, principalmente nas séries iniciais, ouvir música na entrada e na saída do período escolar, no recreio, e ainda, de forma bastante acentuada, nos momentos de festividades que obedecem a um calendário com datas a serem comemoradas pela comunidade escolar.

Porém, existem muitos professores que fazem uso da música como conhecimento aos seus alunos, como por exemplo, no processo de alfabetização, ensinando as letras, brincando com as palavras e com sonoridade, o que é também uma forma de dar significatividade do aprendizado escolar.

A razão que justifica alfabetizar também com a música nas escolas é oferecer a todas as crianças, a oportunidade de usufruir da música seus elementos, próprios de todo ser humano: audição, expressão rítmica e melódica, emotividade, inteligência ordenadora e criatividade no processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, é fundamental uma análise para redimensionar o papel da música na escola e buscar as condições necessárias para que ela possa vir a ter um valor significativo no processo de educação escolar.

A musicalização é importante na infância porque desperta o lado prazeroso aperfeiçoando o conhecimento, a socialização, a alfabetização, inteligência, capacidade de expressão, a coordenação motora, percepção sonora, espacial e matemática.

Assim, o desenvolvimento desta pesquisa surgiu da necessidade de conhecer melhor a linguagem musical como possível recurso didático no processo de ensino aprendizagem. Buscando formas de melhorar a socialização entre os alunos nos aspectos afetivo, cognitivo, social, cultural.

Espera-se, portanto, por meio deste trabalho fornecer subsídios aos educadores, promovendo uma reflexão sobre a importância da alfabetização e seu processo de ensino aprendizagem, descobrindo assim os caminhos para romper o círculo vicioso da reprodução que tanto colabora para permanecer ainda o analfabetismo.

## **ALFABETIZAÇÃO E O DUELO DOS MÉTODOS**

Sem dúvidas, a questão dos métodos de ensino é uma questão fundamental, importante que deve ser discutida porque os métodos não são ingênuos. Os métodos não são uma coisa irrelevante na escola. Pelo contrário, na escola e na vida, os métodos são fundamentais porque eles conduzem a resultados esperados ou não. Eles trazem o sucesso ou trazem o fracasso. Porém, os métodos não são tudo.

Desta forma, neste tópico estar-se-á discutindo sobre metodologias desde as antigas “cartinhas”, usadas para a alfabetização até os pacotes educacionais do século XX, produzidos pelos governos e, mais recentemente, também por assessorias educacionais, para entender como se dá o processo de alfabetização.

Segundo Cagliari (2004, p. 53):

Nos tempos antigos, quem inventou a escrita inventou como ler e escrever porque a escrita é uma questão social, não é uma questão escondida: é uma questão aberta na sociedade. A alfabetização começou no momento em que o sistema de escrita foi inventado. Por isso, todo sistema de escrita tem uma chave de decifração. Tem regras de decodificação. O segredo da alfabetização está aí: é saber como se lê e se escreve.

Historicamente, a palavra “cartilha” veio da palavra “carta”, pois antigamente se usava o método das cartas para alfabetizar. Essas cartas eram tabelas com diferentes padrões silábicos. O objetivo da alfabetização pelas cartilhas era ajudar as crianças a conhecerem o catecismo. Até então, a alfabetização não era uma questão de escolaridade.

Para Cagliari (2004), os métodos antigos de alfabetização baseavam-se no conhecimento das letras. O começo de tudo era decorar o alfabeto. Depois, vinha o reconhecimento das letras. O primeiro problema apareceu com a categorização gráfica. Na época, o material escrito era muito simples porque não havia essa infinidade de alfabetos que nos temos hoje quando reconhecer uma letra é um problema sério, às vezes. Uma outra questão ligada a esses métodos antigos era a formação de unidades pequenas, que são as sílabas, tratadas como elementos privilegiados nas cartilhas. A palavra vinha como decorrência do aprendizado das sílabas, um ponto de partida e de chegada, um elemento para fazer exercícios com as sílabas.

Continuando este mesmo autor destaca que o ensino das sílabas e das palavras completava os ensinamentos e, somente então, apareciam os verdadeiros textos, que eram levados para atividades que ocorriam depois do treinamento de decifração e de leitura de palavras isoladas.

Para Silva (2007), um outro elemento importante na história da alfabetização é a cópia. Desde a Antiguidade, até hoje, a cópia tem sido um elemento essencial na escola, mesmo porque é uma atividade importante na vida das pessoas. O ditado é a outra atividade tradicional da alfabetização e é feito de muitas maneiras. O ditado sempre foi uma atividade programada pelo método das cartilhas.

Mais adiante, com a Revolução Francesa criou as escolas públicas para o povo. Então, o que se fazia individualmente e em pouco tempo tinha de ser feito em um prazo de um ano. Nesse contexto, as cartilhas tiveram de adaptar-se ao currículo escolar, cobrindo com atividades um período de um ano de escola. Não se podia alfabetizar antes porque senão o professor não sabia depois o que fazer na escola.

Segundo Cagliari (2004, p. 56):

No século XX, começa a acontecer a alfabetização em larga escala. O mundo inteiro começa a preocupar-se com esse tipo de problema. Cada vez mais aparecem livros didáticos e programas específicos de alfabetização. Com isso, aparecem também os problemas de alfabetização, coisas que antes não eram muito evidentes.

Com isso aparecem soluções, internas e externas e quanto a isso, Cagliari (2004, 57) destaca:

Com relação às soluções internas, havia três pólos de atenção: 1) método, 2) professor e 3) família. Do método esperava-se poder produzir um resultado aceitável. O professor era visto como intermediador, o aplicador do método e o resolvedor de problemas. A família, eventualmente, colaborava ou não na medida das possibilidades. Com relação às soluções externas: a principal vem do governo que começa a preocupar-se mais com a alfabetização e desenvolve uma série de ações.

A partir do século XX, começaram também a aparecer problemas não previstos pelas antigas cartilhas. Acontece o problema do excesso de alunos para serem alfabetizados numa mesma sala de aula. Os governos encheram as escolas de alunos. Nessa nova situação, com um excesso de alunos nas salas de aula, o professor tinha dificuldades em alfabetizar. (SILVA, 2007).

Para Silva (2007), mudanças políticas e econômicas no mundo também mudaram a visão acadêmica da alfabetização por uma visão social. A tarefa da escola passou a ser predominantemente uma questão de promoção social pelo saber, principalmente, do saber impresso em diplomas. A própria alfabetização passou a dar diplomas a seus alunos.

Hoje, se a pessoa quiser trabalhar, precisará de uma escolaridade mais adiantada e não apenas dos conhecimentos adquiridos na alfabetização. Os avanços das ciências, tudo isso mudou um pouco o modo como as pessoas se relacionam com a leitura e com a escrita. Os governos também mudaram e a alfabetização passou a ser vista apenas como uma questão política de

inserção das crianças nas escolas e de promoção social para justificar a ação governamental para com os pobres.

Segundo Cagliari (2004, p. 59):

Após a Segunda Guerra, o mundo começou a perceber que a alfabetização era um problema com uma dimensão mundial. As pessoas perceberam que a solução para as grandes destruições causadas pelas guerras estava na educação e na cultura. Os países que apostaram nisso saíram ganhando e os países que não apostaram ficaram com o nome de países subdesenvolvidos.

O século XX foi a reação ao desespero, enfrentando todos os problemas que apareceram nesse momento da história. A alfabetização passou a ser vista como uma questão de sobrevivência em todos os níveis da sociedade. Entretanto, não só as condições materiais precisavam ser mais bem resolvidas, como também os métodos de alfabetização. A frustração e os resultados negativos ficaram destacados. Muita gente achava que as coisas não caminhavam como deviam e começaram a reagir em todos os níveis da sociedade.

Segundo Silva (2007, p. 69):

A primeira reação foi o apelo a métodos mais rígidos, mais completos e detalhados. Esses métodos de alfabetização do século XX originaram-se de experiências pessoais que viraram livros didáticos. [...] os livros didáticos trouxeram caminhos predeterminados, trouxeram expectativas de resultados em função dos próprios métodos e as inevitáveis frustrações. O que quero dizer é que, se as pessoas usavam uma cartilha, o método da cartilha deveria garantir o sucesso da alfabetização. Porém, o resultado nem sempre era de sucesso. Havia muito fracasso e muita frustração. Nesse momento, a educação ficou meio sem rumo porque ficou fora do controle do professor.

Essa é a questão central desse duelo dos métodos. Essa situação confusa e destrutiva começou quando tiraram a competência do professor e apostaram tudo na eficácia dos livros didáticos e dos métodos.

Com o passar dos tempos, a ação pedagógica de alguns educadores transformou-se em método, como aconteceu com Montessori, Paulo Freire, Emilia Ferreiro e outros. Lourenço Filho fez a teoria e as cartilhas. Outras pessoas fizeram suas cartilhas a partir de suas experiências como educadores. Esses sucessos educacionais e editoriais foram depois teorizados. As pessoas começaram a fazer teorias sobre eles e começaram a rotular os métodos: método analítico, sintético, global, figurativo, lúdico, fônico, silábico, construtivista e assim por diante.

De acordo com Cagliari (2004), a classificação de um trabalho nesses rótulos, não é uma tarefa fácil e de aceitação unânime. Por exemplo. Ana Teberosky tem certeza de que seu método de trabalho na prática de sala de aula é construtivista. Será que Freire achava que seu método era construtivista? Era fônico?

Embora conhecesse todas essas coisas, o que ele queria mesmo era alfabetizar e não discutir a que teoria sua ação educativa estava filiada.

Segundo Silva (2007, p. 63):

Recentemente, na discussão que apareceu na imprensa, vimos algumas referências ao modo como se alfabetiza nos Estados e na Europa com o objetivo de dizer que nesses lugares os professores usam o método fônico e, por isso, alfabetizam melhor e mais rapidamente. Essa comparação é usada para argumentar que os métodos brasileiros, baseados no construtivismo, são falhos e indesejáveis. Com isso é uma onda que invade a educação, como os *tsunamis* dos pacotes educacionais cílicos neste país, um leitor prudente logo desconfia de que se trata de uma nova moda com finalidades nem sempre edificantes. Em todo o caso, é preciso fazer algumas considerações de cunho estritamente acadêmico a respeito desses acontecimentos.

Não é o método fônico nem a teoria construtivista que é a salvação para um bom trabalho de alfabetização, mas a competência técnico-linguística do professor e as condições materiais de realização de seu trabalho.

O bom método é aquele que dá bons resultados. Isso não quer dizer que os métodos são todos iguais, bons ou ruins. Um bom resultado é sempre fruto

de uma ação competente. Para isso, o professor precisa de uma formação sólida, abrangente, atualizada e adequada à sua tarefa como professor e como educador.

As faculdades de educação, na prática, pensam sempre no educador e esquecem que ele será também um professor com tarefas técnicas específicas, com conteúdos científicos e artísticos que deverão ser usados em seu dia-a-dia profissional.

Cagliari (2004) destaca que o processo de alfabetização tem-se canalizado para os aspectos técnico-lingüísticos, sem os quais um professor encontrará muitas dificuldades para entender o que acontece na sala de aula com relação à linguagem oral e escrita.

Somente a prática do professor, levando para a sala de aula seus conhecimentos técnicos, tem condições de fazer uma revolução na situação tradicional de frustração de nossas escolas, de resolver como ensinar e de como aprender com conhecimento de causa e de modo seguro e útil para a vida na escola e na sociedade.

Para Silva (2007), o país precisa mesmo é de alfabetizadores competentes, convedores dos problemas lingüísticos relacionados com a própria atividade em sala de aula. O importante não é a questão da escolha de um método ou de outro, ou a atitude de quem acha que não precisa de nenhum dos métodos tradicionais ou oficiais. Na prática, nenhuma ação de ensinar e de aprender se realiza sem a presença concomitante de algum método. Existe sempre um modo de fazer as coisas.

Para concluir este capítulo é importante destacar mais uma vez que tudo na escola depende do professor, de sua habilidade profissional, de sua competência e das condições de trabalho. Se ele é mais construtivista ou menos construtivista, se é mais fônico ou menos fônico, mais behaviorista ou menos behaviorista, mais ou menos cognitivista é uma questão que, até certo ponto, depende da habilidade e da preferência do professor. Alguns funcionam melhor dentro de uma determinada abordagem, trabalhando especificamente com determinado método ou com um outro. Mas somente a competência

técnica linguística do professor pode ajudar o aluno, que não aprende, apesar de tudo, a superar dificuldades.

E, pensando desta forma, e nas dificuldades encontradas no processo de alfabetização que no próximo tópico estaremos falando sobre os aspectos lúdicos como recurso pedagógico para a alfabetizar o aluno.

## A INFLUÊNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Este tópico tem por objetivo, mais uma vez, procurar conscientizar o professor de que os problemas referentes à alfabetização estão relacionados às práticas educativas (métodos de ensino), assunto visto anteriormente.

A escola deve facilitar a aprendizagem utilizando-se de atividades prazeirosas que criem um ambiente alfabetizador para favorecer o processo de aquisição de autonomia de aprendizagem. Para tanto, o saber escolar deve ser valorizado socialmente e a alfabetização deve ser um processo dinâmico e criativo através de jogos, das brincadeiras e da música.

Para Bittencourt e Ferreira (2002), com a utilização desses possíveis recursos pedagógicos, o professor poderá utilizar-se, por exemplo, de jogos e brincadeiras em atividades de leitura ou escrita, devendo, no entanto, saber usar os recursos no momento oportuno, uma vez que as crianças desenvolvam o seu raciocínio e construam o seu conhecimento de forma descontraída.

Ferreiro (2001) observa que o processo de desenvolvimento da escrita ocorre na interação sociocultural que o indivíduo mantém com o objeto de conhecimento – neste caso a escrita - e nas relações significantes com as pessoas alfabetizadas. Conforme a autora, a alfabetização representa um dos processos cognitivos mais complexos, sob o enfoque da psicologia genética piagetiana. (apud. PRADO, 2005).

De acordo com Prado (2005), a música pode favorecer esta interação sociocultural significativa. Estudos têm demonstrado que os elementos da música (rítmicos e melódicos) atuam nos aspectos cognitivos e criativos do sujeito, podendo favorecer a aprendizagem da leitura e a produção de textos no processo de alfabetização. A música pode estimular o desenvolvimento da capacidade afetiva e cognitiva do indivíduo, além de desenvolver as

habilidades estéticas e musicais específicas e todos estes aspectos concorrem para o desenvolvimento da escrita.

Ferreiro e Teberosky (1999) preconizam que os “estímulos” atuam no desenvolvimento dos “esquemas de assimilação” os quais, segundo a psicologia genética piagetiana, são responsáveis pela efetivação da aprendizagem. A música constitui um excelente recurso estimulador para o desenvolvimento da leitura de textos e das hipóteses de escrita.

Segundo Braggio (1992, apud. PRADO, 2005), os princípios ortográficos desenvolvem-se na criança à medida que vai escrevendo. Neste processo de aprendizagem a criança consegue ultrapassar os aspectos “gramaticalizados” ou “codificados” para elaborar seu material, investindo-o de significação própria em uma atividade criativa. A música, como atividade criativa, pode naturalmente favorecer o aparecimento de situações problema, propondo novas formas de utilização e manuseio da linguagem e propiciando a construção de hipóteses de escrita.

Neste mesmo sentido, Smolka (1999, p. 45 apud. PRADO, 2005) afirma que:

Não se trata apenas de ‘ensinar’ (no sentido de transmitir) a escrita, mas de usar, fazer funcionar a escrita como interação e interlocução na sala de aula, experienciando a linguagem nas suas várias possibilidades. No movimento das interações sociais e nos momentos das interlocuções, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano.

Alguns autores afirmam que o ritmo natural e o acento tônico das palavras podem ser reforçados pelas estruturas rítmicas, pela prosódia e também pela própria estrutura melódica (AVELAR, 1995; VIEIRA e LEÃO 2003). E, segundo Sekeff (2002), as atividades motoras envolvidas no fazer musical e vivenciadas especialmente “por intermédio desse elemento dinamogênico que é o ritmo”, estimulam as atividades voluntárias e a extensão de reflexos condicionados como o escrever. Portanto, acredita-se que a música e a letra musical, através de sua representação gráfica, poderá estimular a lectoescrita dos sujeitos. (PRADO, 2005).

### **A aquisição da escrita e da leitura e a música**

Para Góes (2009), cada vez mais instituições educacionais estão utilizando a música como eixo norteador do processo de alfabetização. A música atrai e envolve as crianças, serve como motivação, eleva a auto-estima, estimula diferentes áreas do cérebro, aumenta a sensibilidade, a criatividade, à capacidade de concentração e fixação de dados.

Sendo assim, crianças que recebem estímulos musicais adequados, aprendem a escrever mais facilmente, tem maior equilíbrio emocional, pois se sabe que a música está inserida no cotidiano da criança desde o ventre materno. (GOÉS, 2009).

Na perspectiva sociointeracionista da linguagem, o trabalho de alfabetização não se reduz há uma tarefa mecânica de simples reconhecimento de letras e muito menos na tarefa de codificação e decodificação.

Para Viesser (2000) a alfabetização é um processo educativo e por esse motivo a apropriação da língua escrita, que envolve a linguagem, está inserida dentro de sua dimensão histórica e social. Pensando dessa maneira, a língua é o resultado de um trabalho coletivo e historicamente localizado. Sendo uma aquisição social, ela brota da relação entre os homens, da sua interação e por isso está sujeita a mudanças.

Continuando este autor, destaca que o domínio da linguagem, tanto a falada como a escrita, se constitui em uma forma de poder. Aí entra o papel importante da escola, como entidade que pode garantir o exercício desse poder a todas as pessoas, pois todas têm direito de acesso a esse poder. É função da escola garantir-lo através da compreensão da função social da escrita e do funcionamento do sistema de escrita, para que os que nela ingressarem possam interagir com os outros a fim de transformarem o mundo, e transformando o mundo, transformarem a si mesmos. A escola estará garantindo o gradativo domínio da linguagem, desde os primeiros simbolismos até as elaborações mais complexas.

Com isso, entende-se que a escola deve veicular em seu interior uma linguagem significativa utilizando textos significativos, atividades lúdicas, também a música, para que cada aluno produza quando chega à escola, e que revela as suas histórias de vida, usando inclusive a sua variedade linguística, até os textos escritos e bem elaborados.

Cabe ressaltar que as instituições educacionais não podem deixar de levar em consideração os conhecimentos prévios de cada criança, para que por meio deles a escrita torne-se significativa, pois a aquisição do sistema de escrita e o desenvolvimento das habilidades de utilização deste sistema só serão adquiridos quando a criança compreender a utilidade da escrita para a sua interação social.

Faz-se necessário assim ampliar o conceito de alfabetização da criança, desenvolvendo uma política estética, alegre e afetiva, e que as linguagens expressivas do desenho, da música, da dança e da brincadeira sejam instrumentos simbólicos de leitura e escrita do mundo afetivo, cultural e social da criança. Reencantar a educação e a vida. Não se trata apenas de fazer dança, música ou brincadeira na escola. Trata-se de uma metodologia que integre a identidade afetiva da criança como ser vivo, pulsante, transcendente, alegre e cheio de vontade de descobrir muito mais do mundo que a cerca. (GOÉS, 2009).

Para Góes (2009), nada se aprende verdadeiramente, se aquilo que se pretende aprender, não passar pela experiência pessoal de quem aprende. A aprendizagem assume assim um caráter pessoal. Ainda que a criança atue informalmente com a linguagem escrita, é importante que, na fase de aquisição da escrita, ela compreenda a natureza, representação e função desse sistema. Nesse sentido, a ação pedagógica torna-se fundamental à medida que o professor permite que os textos que circular no mundo façam parte do espaço escolar, criando um ambiente de leitura em sala de aula, colocando-se enquanto mediador entre textos e as crianças, favorecendo oportunidades ricas e variadas de interação com a leitura e a escrita.

Nesse processo, a educadora tem um papel fundamental a ser desempenhado. Ela deve escutar a criança, dando a atenção e valorização necessárias ao que ela fala. Precisa propor situações que impliquem na necessidade da criança em explicar e argumentar idéias e pontos de vista. É importante também que se propiciem relatos de histórias já conhecidas, oferecendo jogos verbas de trava-línguas, parlendas, poemas, músicas, canções e adivinhas.

A viabilização desses procedimentos podem fazer parte do contexto diário da sala.

Assim cabe a educadora a valorização da leitura em sala de aula, mostrando uma boa e prazerosa relação com a mesma.

Para Piaget (1978, p.15) “aprendizagem é um processo normal, harmônico e progressivo, de exploração, descoberta e reorganização mental, em busca de equilibração da personalidade”. O autor defende que o ensino deve ser atrativo, deve estar de acordo com os interesses e curiosidades das crianças.

Para Góes (2009), a música é um elo que une e reforça todo o trabalho educativo que se desenvolve com a criança. Torna-se um elemento rico: que brotou do corpo em movimento, sendo a voz um precioso instrumento que a criança tem dentro de si. “O pressuposto é que não é preciso esperar que a criança tenha aprendido a escrever para que escreva, mas que é escrevendo que ela aprenderá a escrever: escrevendo espontaneamente experimentando soluções para os gráficos que necessita” (ZACCUR, 2001, p.28).

Assim, é necessário entender a alfabetização como um processo de apropriação do conhecimento da língua escrita, em que a criança, gradativamente, irá ampliar e rever suas formas de ler o mundo e representá-lo. Com o domínio de um sistema de código, a criança ampliará indefinidamente sua possibilidade de cognição. (GÓES, 2009).

Segundo Vygotsky (apud. GÓES, 2009), “a escrita deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então se pode estar certo de que ela se desenvolverá não como hábito de mãos e dedos, mas como forma nova e complexa da linguagem”.

Portanto, ao trabalhar com a música, o professor estará permitindo que a criança interaja com diversos tipos de textos de forma lúdica e prazerosa, tornando-os então mais significativos. (GOÉS, 2009).

A leitura é uma atividade muito importante, pois é com seu auxílio que se adquirem conhecimentos para melhor compreender a realidade. É, assim, imprescindível na vida diária das pessoas, que direcionem essa leitura conforme suas necessidades e interesses. Deve-se trabalhar na escola diferentes tipos de texto, pois cada um tem uma função específica e é escrito

de forma diferenciada. “A produção de um texto escrito envolve problemas específicos de estruturação do discurso, de coesão, de argumentação, de organização, de idéias e escolha de palavras, dos objetivos e do destinatário do texto etc.” (CAGLIARI, 1990).

Para Viesser (2000), o texto oral e escrito deverá ser o centro do trabalho no processo de aquisição da língua escrita, pois é nele que a palavra encontra o seu significado mais pleno. A criança só poderá perceber a função social da linguagem, quando a escrita estiver em situações de uso real e perceber o processo de interação. Não se entende, então, que o trabalho de sistematização da língua, numa sala de aula esteja desvinculado do uso real da leitura e da escrita.

A escrita deve ter significado para as crianças no qual elas percebam que isso seja relevante para a vida.

Dentro dessa visão a aquisição da língua escrita vai depender do grau de interação com as pessoas que já dominam essa linguagem. Assim, aprender significa estar em relação com o outro e nesse caso, o professor é aquele que levará o aluno a refletir sobre esse objeto de conhecimento, por meio da discussão, explicação, do ato de ler e escrever.

Para Góes (2009), o trabalho com o texto é realizado visando à compreensão da função da escrita enquanto representação de palavras, para a sistematização necessária ao domínio do código escrito. A produção de textos pode ser individual ou coletiva. Uma das formas de escrita de texto individual é o próprio desenho do aluno, que permite a expressão de idéias, sentimentos e emoções. Toda representação que a criança faz, carregada de significação, é um texto. Na fase de alfabetização, a criança é capaz de produzir textos espontâneos. Nesse momento é importante deixá-la criar, não se preocupando excessivamente com a ortografia, para não destruir o estímulo à produção. A produção do texto coletivo é o momento em que cada criança tem oportunidade de expressar ao grande grupo suas idéias e vivenciar a escrita convencional feita pelo professor. O texto coletivo permite que a criança reflita sobre as linguagens oral e escrita, observando que tudo o que se diz pode ser escrito.

Assim, considera-se que a produção da linguagem escrita não poderá ser um processo natural, pois sua apropriação só se efetivará por meio

das relações sociais e pela interferência do professor, o qual já possui um conhecimento científico socialmente produzido.

O professor atua como mediador entre a criança e o material escrito; para tanto deverá ter conhecimento da teoria lingüística e do processo de alfabetização.

Para Góes (2009) o uso de rimas nas poesias diverte as crianças, chamando a atenção para o seu som e facilitando a relação oralidade versus escrita. A música exerce grande influência sobre a criança, por isso os jogos ritmados devem ser aproveitados e incentivados na escola. Música é linguagem. As experiências musicais favorecem a organização do pensamento da criança. Quando mais ela tem oportunidade de comparar as ações executadas e as sensações obtidas através da música, mais sua inteligência e seu conhecimento vão se desenvolvendo.

As músicas são fortes aliadas também na hora de ensinar as crianças a ler e a escrever. Os especialistas afirmam que a familiaridade com textos conhecidos e apreciados pelas crianças facilita a alfabetização. Percebe que a combinação de determinadas letras resulta em cada uma das palavras do refrão de uma música conhecida e que é muito mais gostoso e interessante do que aprender a ler e escrever palavras isoladas. Isso aumenta a capacidade de compreensão da criança que, assim, tem mais possibilidades de interpretar e conhecer o mundo em que vive. É importante que a criança seja incentivada constantemente a se expressar na língua escrita, ainda que não domine totalmente o código convencional, pois ao escrever irá adquirindo maiores conhecimentos sobre a língua, com o auxílio do professor. (GÓES, 2009).

Pode-se dizer então que a música desenvolve o pensamento e a linguagem, oferecendo condições à criança de descobrir os sons que a rodeia e que ela pode criar, conseguindo através deles novas maneiras de se expressar e se comunicar com as pessoas que a cercam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo abordar as concepções sobre a alfabetização através da música na educação e sua interligação com a formação do educador no contexto escolar.

Os estudos enfocados apontam que na educação básica, atualmente, os alunos questionam tudo o que não lhes for significativo. Isso indica a necessidade de o professor considerar a importância da música para estimular os questionamentos de maneira construtiva, provocativa e prazerosa. A construção do saber a partir de atividades prazerosas leva a criança, enquanto participa, a perceber e explorar diferentes estímulos, a antecipar resultados, a levantar diferentes hipóteses e a formular estratégias.

Acrescentamos que as abordagens teóricas que serviram de apoio para este artigo apontam que a música possui um papel fundamental no desenvolvimento físico-motor da criança, principalmente na atualidade.

Nesse contexto, a música, utilizada como possível recurso pedagógico, não é elemento que traz um saber pronto e acabado, ao contrário, esse saber precisa ser ativado pelo aluno. Assim, atividades prazerosas na ação pedagógica é um objeto dinâmico e que se modifica a partir das interações dos alunos. Além disso, a música envolve motivação, interesse e satisfação, ativando aspectos referentes às emoções e a afetividade, componentes importantes no processo de construção do conhecimento.

Portanto, é imprescindível repensar a formação dos educadores e trazer para os currículos a formação musical, para que esses profissionais atuem com conhecimento e domínio das teorias sobre as diversas atividades ampliando assim a ação educativa na sala de aula. É necessário que o educador possa conhecer a realidade, seu grupo de crianças, seus interesses e necessidades, comportamentos, conflitos e dificuldades e que, paralelamente, constitua um meio de estimular o desenvolvimento cognitivo, social, linguístico e cultural e propiciar aprendizagens significativa, partindo do interesse e da realidade dos alunos, e a música é uma boa oportunidade para este aprendizado significativo para os alunos.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Glauçimar Rodrigues; FERREIRA, mariana Denise Moura. **A importância do lúdico na alfabetização.** Belém/Pará, 2002. Disponível em: [http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/IMPORTANCIA\\_LUDICO.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/IMPORTANCIA_LUDICO.pdf). Acesso em 16 de novembro de 2011.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil.** Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Leis/L9394](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L9394). Acesso em 08 de novembro de 2011.

GAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística.** São Paulo: Scipione, 1990.

CAGLIARI, L. C. Algumas questões de lingüística na alfabetização. **Caderno do Professor.** Belo Horizonte, SEE/MG Centro de Referência do Professor, n 12, 2004.

FERREIRA, M. **Ação psicopedagógica na sala de aula:** uma questão de inclusão. São Paulo: Paulus, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, N. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GÓES, Raquel Santos. **Desenvolvimento da Criança e do aprimoramento do Código Linguístico.** UDESC VIRTU@L - ONLINE Revista do Centro de Educação a Distância –CEAD/UDESC Vol. 2, N.º 1 (2009) ISSN 1984-206 Florianópolis, Vol. 2, n.º 1, p. 27 - 43 mai. /jun. 2009. Disponível em <http://revistas.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/view/1932/1504>. Acesso em 16 de novembro de 2011.

PIAGET, J. **A formação do Símbolo na Criança.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

PRADO, Adriana Moraes Vilas Boas. **Análise da Influência da Música no processo de desenvolvimento da Escrita.** ANPPOM – Décimo Quinto Congresso/2005 112. Disponível em:  
[http://www.unirio.br/mpb/textos/AnaisANPPOM/anppom%202005/sessao2/adriana\\_prado\\_eliane\\_figueiredo.pdf](http://www.unirio.br/mpb/textos/AnaisANPPOM/anppom%202005/sessao2/adriana_prado_eliane_figueiredo.pdf). Acesso em 31 de outubro de 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.) **Alfabetização no Brasil:** questões e provocações da atualidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.  
VIESSER, João Antônio. **Alfabetização.** Curitiba: IESDE, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** Lisboa Antídoto, 1984.

ZACCUR, E. (Org). **A magia da linguagem.** 2. ed. Rio de Janeiro: DP S A, 2001.